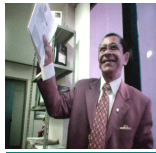


PROF. ARIEVALDO ALVES DE LIMA



COMO AVALIAR QUANDO O ALUNO COLA?

PRELIMINAR

O Brasil é, realmente, um país dos paradoxos. Não bastassem os já quase folclóricos, embora perversos, como os criados pela abismal desigualdade social e regional de renda numa nação reconhecidamente rica e habitada por gente criativa e cordial, perpetuamos outros, como a odiosa retórica de que estamos hoje entre os países onde menos se aprende na escola, apesar de ter aumentado o número de dias letivos¹. A diferença crucial entre o Primeiro e Terceiro Mundos – para usar esta referência que muitos já vêem como anacrônica – está em que um sabe produzir conhecimento próprio sempre renovado, e o outro vive de o reproduzir. Por isso, diz-se sarcasticamente: enquanto o Primeiro Mundo pesquisa, o Terceiro dá aula... Em geral, hoje: alguém que dá aula transmite conhecimentos, instrui e ensina. Mais que outras profissões, esta precisa de reconstrução completa, dentro da máxima: ser profissional hoje é, em primeiro lugar, saber renovar, reconstruir, refazer a profissão² (Demo, 2004). Aliás, esta expressão chula “dar aula” significa de maneira geral a simples e fiel reprodução de conhecimento, reduzindo-se a procedimento transmissivo de caráter instrucionista. Embora “aula” não precise ser

¹ Ainda é cada vez mais comum que os sistemas educacionais promovam algo como “semana pedagógica”, todo semestre, na expectativa de que, aprimorando os professores, os alunos possam aprender melhor. Na verdade, poucos são aqueles que realmente estudam ou reconstróem conhecimentos elaborando projetos pedagógicos, outros não fazem mais que ficar escutando palestras, em posição instrucionista evidente.

PROF. ARIEVALDO ALVES DE LIMA

rebaixada a só isso, carrega o estigma secular de repasse reprodutivo de conhecimento alheio (Demo, 2004). Acredito e concordo que, se for apenas reproduzir conhecimentos, temos hoje meios mais interessantes disponíveis, como a parafernália eletrônica, com grande poder de sedução e aspectos motivacionais no seu conteúdo³. O conhecimento que esclarece é o mesmo que imbeciliza. Não se pode deixar de questionar isso na história do conhecimento humano, tendo em vista que ele sempre esteve imerso em censura e proibição (Shattuck, 1996; Rescher, 1987), faz parte da competitividade humana (Collins)⁴, tornou o ser humano “força geológica” (Klein, 2002), é o que não permite ao ser humano estacionar ou tornar-se conservador (Bova, 1998). As instituições humanas são inerentemente conservadoras. A Lei, religião, costumes sociais, todas as instituições humanas são enraizadas na necessidade de prover base firme e estável para interações sociais. Como sistemas biológicos, as sociedades humanas buscam fazer o melhor possível para evitar mutações e guardar as formas básicas intactas. Entretanto, há uma instituição humana que não é conservadora. Esta instituição é a ciência. Por sua própria natureza, a pesquisa científica está sempre mudando a sociedade ao descobrir novas coisas, inventar novas idéias.

Enquanto as outras instituições são essencialmente voltadas para trás, tentando preservar o passado, a pesquisa científica está inerentemente voltada para frente,

² Isto não denigre o desafio do domínio de conteúdos, mas esses se desatualizam no tempo, é fundamental saber renová-los de maneira permanente. A definição de professor inclina-se para o desafio de cuidar da aprendizagem, não de dar aula.

³ Recupera-se com esta idéia algo que é tão antigo quanto a humanidade: educar é processo de dentro para fora, como asseverava Sócrates, quando insistia na instigação do professor para promover a emancipação dos alunos. Trata-se do cuidado que não abafa, mas liberta, tornando o professor apenas o mentor socrático ou maiêutico.



PROF. ARIEVALDO ALVES DE LIMA

buscando o futuro, tentando achar o que poderia existir da próxima colina (Bova, 1998: 244).

No desenvolvimento deste trabalho de pesquisa, serão abordados os problemas e os aprendizados, vivenciados em universidades privadas e entidades públicas, como educador e/ou profissional de contabilidade e finanças em empresas multinacionais de grande porte por mais de duas décadas.

⁴ Em biologia usa-se a noção de score-keeper, para designar a tendência de os seres humanos se medirem uns frente aos outros, não só em termos de força física, mas principalmente de habilidade de conhecimento

PROF. ARIEVALDO ALVES DE LIMA

DESENVOLVIMENTO

Como discorri preliminarmente, quero iniciar esse meu trabalho dissertativo com uma pergunta de cunho bem profundo e reflexivo: O sistema tirânico de atribuir notas e médias finais, concentrado no poder autocrático do professor, não tem estimulado os desvios éticos na formação escolar? A idéia central é mostrar a urgente necessidade de novas posturas dos meus colegas para a reversão do fenômeno da cola, mais conhecida como pesca, no processo de avaliação escolar⁵.

Vamos começar com algumas verdades duras, mas necessárias: a primeira, os alunos da educação infantil enxergam a cola; a segunda, os alunos do ensino fundamental exercitam a cola; a terceira, os alunos, no ensino médio, habituem-se a colar; e quarta, os alunos, na educação superior, aperfeiçoam a cola. Resultado: os professores, desde a primeira fase da educação formal, entram em confusão mental com essa constatação e mergulham no desvario pedagógico, sem que encontrem uma solução para essa problemática escolar.

As táticas da cola são criativas: pedacinhos de papel pregados na sola do sapato ou camuflados em canetas, mangas de blusa ou na aba do boné. Fórmulas matemáticas ou textos minúsculos também são escritos pelos discentes na parede ou num cantinho da

(Boehm, 1999).

⁵ Há uma relação estreita, oriunda da tradição jesuítica, entre o sistema de notas e a avaliação escolar. Aos olhos da educação em valores, essa relação pode não ser assim tão próxima e inseparável, isto é, a atribuição de notas e médias finais não tem que obrigatoriamente estar inserida no processo de avaliação.

PROF. ARIEVALDO ALVES DE LIMA

carteira. Você pode até tentar descobrir e reprimir as variadas estratégias — algumas bem antigas, outras até tecnológicas. Mas não é assim que o problema vai se resolver. Se seus alunos estão sempre colando, a primeira providência é entender o porquê⁶. Talvez eles estejam manifestando insegurança, mostrando que não se ajustam a um ensino que privilegia a "decoreba" ou se recusando a quebrar a cabeça para provar que sabem coisas pelas quais não se interessam. De qualquer modo, essa burla às regras mostra que não há compromisso com as normas escolares e que falta eficiência ao sistema de avaliação.

Há algum tempo, fiz um curso de Pós-Graduação em Qualificação para o Magistério Superior e constatei claramente, em todas as disciplinas, que tudo o que estiver a serviço do crescimento pessoal, interpessoal ou intergrupar é educação e como tal deve ser aplicado pelos educadores para seus alunos não somente na reconstrução do conhecimento, mas também e mais importante na criação de condições que facilitem a aprendizagem da disciplina acadêmica que ministram e como objetivo básico liberar a sua capacidade de auto-aprendizagem de forma que seja possível seu desenvolvimento tanto intelectual quanto emocional⁷.

Outro foco de percepção e comentário relevante foram os momentos vividos com colegas que partilharam da mesma preocupação com o aluno que era promovido sem o desejável aprendizado bem construído para próxima etapa até a conclusão do seu bacharelado. Afinal, a LDB - Lei das Diretrizes e Bases - acabou com a reprovação? Não é bem isso. A lei acabou, a rigor, com o sistema tirânico de notas e médias finais no

⁶ Melhor do que dobrar a vigilância é diversificar os meios de checar a aprendizagem. Na hora do flagrante, no entanto, não deve faltar uma boa conversa.

⁷ Trata-se de uma abordagem humanística onde são consideradas as tendências ou enfoques encontrados predominantemente no sujeito, sem que, todavia, essa ênfase signifique nativismo ou apriorismo puro.

PROF. ARIEVALDO ALVES DE LIMA

processo de avaliação escolar. Claro, a nota pode existir como referência de verificação de estudos. Em verdade, a educação em valores é uma realidade legislatória.

A LDB, ao se referir à verificação do rendimento escolar, determina que nós, docentes, observemos os critérios de avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno⁸, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais (artigo 24 V). Aspectos não são as notas, mas registros de acompanhamento das atividades discentes⁹.

Acredito que, se o professor avalia continuamente, passando tarefas menores, gradativas e seqüenciais, possa verificar com maior clareza a aprendizagem do aluno em vários momentos e de forma complementar, minimizado o problema e possibilitando o acompanhamento da construção do conhecimento passo a passo. Costumo, também, fazer avaliações intermediárias, antes das provas regimentais, dos alunos com consulta ao material estudado ou àquele sugerido na bibliografia do curso e percebo que este método é relativamente um bom antídoto da cola, tendo em vista que o aluno que não estiver com o caderno completo terá dificuldades em completar as respostas sozinho, precisando dos apontamentos do colega¹⁰.

⁸ A LDB tem como escopo que a nota verifica, não avalia. A verificação é parte do processo de aprendizagem e, portanto, não deve ser confundida com o julgamento do ensino. Ninguém aprende para ser avaliado. Nós aprendemos para termos novas atitudes e valores no palco da vida. A avaliação, meio e nunca fim do processo de ensino, não deve se comprometer em ajuizar, mas reconhecer, no processo de ensino, a formação de atitudes e valores.

⁹ Esta assertiva é um recado para todos os professores no sentido de que nenhuma avaliação deve ser decidida no bimestre, trimestre ou semestre, mas deve resultar um acompanhamento permanente, negociado, transparente, entre docente e aluno, daí seu aspecto diagnóstico. A avaliação insatisfatória não significa reprovação com a conotação de promoção ou decesso.

¹⁰ Esta flexibilização permite ao docente fracionar a nota da prova regimental, valorizando o conhecimento prévio do aluno e contribuindo para que ele se torne ativo e crítico, ou seja, dando-lhe oportunidade para

PROF. ARIEVALDO ALVES DE LIMA

Mesmo aqueles professores que procuram diversificar os instrumentos de avaliação podem deparar-se com a cola em classe. Quando isso ocorre, a professor anota o nome do estudante e mais tarde o chama para uma conversa. Hora da bronca? Muito pelo contrário. O momento se transforma em um atendimento especial tanto na parte afetiva quanto cognitiva. O professor deve mostrar aos alunos que era mais produtivo consultá-lo nas avaliações preliminares do que recorrer ao colega ao lado, na hora da prova, fazendo-o perceber a desonestidade intelectual da cola¹¹.

Dentro dos padrões vigentes, a cola é um ato desonesto, assim como a mentira. Mas, para mim, quebrar regras nem sempre é sinônimo de falta de ética. Consultar anotações na hora da prova não é motivo para criar um bicho-de-sete-cabeças. A cola pode se tornar potencialmente educadora. Para que isso aconteça, professor e alunos, juntos, devem ter discutido quais são as regras referentes ao momento da realização das provas e as possíveis punições a quem transgredi-las. Assim, o aluno saberá, de antemão, o risco que corre ao descumprir o combinado. Se pego em flagrante, deve ser devidamente punido¹².

Quando a fraude ocorre e é descoberta, é momento também de o professor refletir: o fato mostra que o aluno não está seguro. Mesmo sem ter aprendido, ele finge que sabe para não ser punido. "Se o estudante faz de conta que entendeu, o professor não fica

ouvir, memorizar e responder mais adequadamente ao aprendizado. Outra alternativa praticada pelo autor é o acompanhamento sistemático dos cadernos de anotações dos alunos através de vistos e pontuações para aqueles que mantêm a matéria em dia e resolvem os exercícios propostos. Esse sistema é uma avaliação processual, feita no dia-a-dia, sem necessariamente haver a aplicação de testes.

¹¹ As avaliações que dão margem à cola precisam ser abolidas, proporcionando uma relação de confiança, não só do professor nos alunos, mas dos alunos no próprio saber. Devem se propor ao objetivo de estimular a capacidade de argumentação.

PROF. ARIEVALDO ALVES DE LIMA

sabendo qual a sua real condição e não pode ajudá-lo". A cola é resultado de uma aprendizagem não significativa. "O aluno não cola aquilo que entende." Se a cola aconteceu em sua classe, talvez esse seja o momento de você pensar sobre o sistema de trabalho e de avaliação que vem adotando, professor. Pese o que você está exigindo nas provas. Para se sair bem nelas, o aluno precisa decorar fórmulas e datas? O conteúdo que está sendo cobrado foi bem compreendido pela turma?

Pense e discuta com colegas, alunos e coordenação se o método de avaliação adotado pela Universidade é justo e eficiente. É apenas a nota da prova que define o nível de aprendizagem da turma ou outras formas de avaliação estão sendo levadas em conta? Que importância você dá à nota da prova: é sempre um atestado de ignorância ou de inteligência? Ou você considera a prova uma forma de reorientar as suas ações? Que tal olhar sem preconceito para o aluno que foi pego colando e perguntar por que fez isso? Teve um comportamento puramente desonesto ou simplesmente parecia inseguro e nervoso por não ter estudado direito? Às vezes, o pavor é tanto que o aluno esquece tudo que estudou. Será que ele necessita de ajuda ou você precisa repensar a avaliação? Quando boa parte da turma tirou nota baixa, você aproveita para fazer uma auto-avaliação ou entende que o problema está na incapacidade de aprendizagem deles? Transparência na sua relação com os alunos, com espaço, por exemplo, para discutir a nota¹³?

¹² O pai da filosofia, o grego Sócrates, utilizava um processo de instigação chamado maiêutica, promovendo desta forma a emancipação do aluno, mas afirmando que a pena justa é aquela adequada ao delito e a quem o cometeu.

¹³ As grandes universidades, hoje, possuem um sistema interativo, via web, que disponibiliza as notas das provas. A experiência do autor aponta que poucos alunos procuram a vista de prova com o professor, exceto quando a nota não é suficiente em alguns décimos para aprovação ou precisam de complemento para

PROF. ARIEVALDO ALVES DE LIMA

Outro fato interessante, acontecido no passado, onde o professor podia sair da sala durante a prova, porque confiava nos alunos. Hoje, raros são aqueles que têm essa atitude. Imagine como seria se você deixasse seus alunos sozinhos. Para você, professor, isso mudaria o resultado da sua avaliação?¹⁴. Que os alunos pescam é um fato. Os docentes não podem negar e simplesmente fazer vista grossa. Tenho convicção de que os professores mais rígidos são as maiores vítimas da cola clandestina, uma pesca bem tramada, utilizando recursos rudimentares ou os mais sofisticados do mundo eletrônico, ocorre principalmente nas escolas dos filhos de classes favorecidas¹⁵.

Venho observando há muito tempo, nas grandes universidades em que lecionei, esse sistema perverso de punição com zero ao aluno que cola, mas certamente a grande maioria dos casos foi revertida em aprendizados para os recalcitrantes. Um dos casos mais notórios foi o aluno Alfa, que tirou 7,0 na primeira prova e na segunda, flagrado com mensagem de texto celular, teve a prova zerada. Após a prova, conversei demoradamente com ele e lhe atribui a nota 1,0 a fim de que tivesse chance de fazer a prova final e nesta nova oportunidade, sentando bem à minha frente, quando entregou a prova, me agradeceu a lição afirmando com todo o orgulho – professor, pode me outorgar a nota dez.

Um outro fato aconteceu com uma turma em que mais de 60% dos alunos lograram a nota máxima na segunda prova regimental. A prova valia 7,0 pontos e previa questões

habilitar-se à prova final. Este fato engessa um pouco o procedimento do diálogo professor versus aluno para avaliação conjunta dos resultados.

¹⁴ Sua coordenadoria cria espaço para a discussão da ética? Sabemos que o comportamento ético chega a ser desestimulado na nossa sociedade competitiva e desigual. E se você transformasse o problema no mote de uma discussão? Você sabia que uma prova não prova nada? Uma cola também não. Se o aluno faz um lembrete, não indica que ele é mau-caráter.

¹⁵ O autor já se viu embaraçado com vários tipos de cola. Alunos considerados de excelente performance nas aulas, demonstrando interesse pela disciplina, assíduos e pontuais, partilhavam seus conhecimentos nos

PROF. ARIEVALDO ALVES DE LIMA

práticas com a elaboração de uma planilha em linguagem Excel dos custos de um produto, seqüenciada com um demonstrativo de resultados, e, com base nesta segunda questão, o aluno deveria fazer um gráfico descritivo do ponto de equilíbrio das vendas da empresa e resenhar a opinião gerencial sobre a performance da empresa analisada. Ao conferir, entretanto, minuciosamente todas as provas, constatei, além da igualdade nas soluções das questões, até as cores utilizadas nas planilhas e no gráfico, bem como as respostas dissertativas, eram semelhantes. Precisei refletir rapidamente sobre o tratamento a ser dado à pesca generalizada, por meio assíncrono. Caso eu optasse por zerar 60% das provas, poderia causar um tumulto sem limites e, contrariamente, se deixasse passar o fato, aqueles alunos fariam verdadeira apologia sobre a cola¹⁶.

Preparei um e-mail individual, dando ciência à turma da fraude, subtraindo os pontos das questões, mas mantendo a avaliação presencial antes da prova no valor de 3,0 pontos. Com este procedimento, uma grande parte daquela turma foi para prova final, respondendo às questões de forma escrita e em sala de aula, não mais em laboratório com a ajuda eletrônica. Foram duas semanas de estudos vigorosos com base em toda a matéria, visto se tratar da prova final. Fui procurado muitas vezes e fiz o meu papel em ajudar na recapitulação dos temas, participando dos estudos na biblioteca e dedicando um fim de semana para todo o grupo. Procurei não tocar naquele episódio traumático para todos os envolvidos. Todavia, antes da prova final, os alunos que não estavam bem na

trabalhos de grupo e na hora da prova, apareciam com a cola já pronta em papel ou apelavam de forma incontinenti para os meios eletrônicos.

¹⁶ Avaliação, se malfeita, só atrapalha. Se bem-feita, entretanto, pode ser estratégica fundamental, por vezes decisivas. No caso versado, a bem da verdade, houve uma inocência indescritível dos alunos, pois, na hora da pesca, ninguém teve a preocupação de mudar pelo menos as cores dos gráficos ou a resenha com a opinião pessoal, todavia a reflexão foi sumamente necessária.

PROF. ARIEVALDO ALVES DE LIMA

disciplina me procuraram e ofereceram o nome do benfeitor que distribuiu o produto da pesca. Pasmem, o melhor aluno da turma tinha sido o autor daquela turbulência de comportamento, sendo punido pela falta de maturidade, pois foi para prova final, quando na verdade tinha tudo para fechar o semestre com média 10,0. A maioria conseguiu a promoção para o próximo período, e os que ficaram reprovados lamuriaram o ocorrido como uma grande lição corretiva do professor.

A façanha de eliminar ou minimizar a pesca em sala de aula não vai tornar nenhum educador em herói, dá apenas sentido a uma educação em valores, ou seja, uma competência cognitiva, pois o mercado de trabalho deseja pessoas tão competentes quanto equilibradas emocionalmente, com posturas éticas nos conflitos e contradições no mundo empresarial, que garantem não só a prosperidade, mas a própria integração e solidariedade de seus funcionários. Os alunos precisam conviver com ambiente crítico e civilizado, contra-argumentação e compreensão, avaliação honesta e suporte afetivo. Construção da autonomia não se coaduna com fraudes que encobrem problemas, escamoteiam má aprendizagem, tergiversando a verdadeira pedagogia¹⁷. Nosso compromisso, no âmbito da educação superior ou em qualquer outro grau de nossa missão de ensinar, não é perseguir métodos, e, sim, conscientizar nossos jovens de que o conhecimento cognitivo não deve ser tomado como única garantia, no mundo do trabalho, de prosperidade ou sucesso na vida. Professor é eterno aprendiz, que faz da aprendizagem sua profissão, como diria Assmann com seu conceito de sociedade

¹⁷ Esta observação pessoal não desfaz a importância de saber elogiar o aluno. Mas elogio não substitui crítico, e vice-versa. Não se trata nem só de elogiar, nem só de criticar, mas de instigar o aluno a saber, desconstruir e reconstruir conhecimento com autonomia. Costumo falar abertamente em todas as aulas presenciais e até mesmo nas atividades assíncronas “Aprendizado é ação, do contrário é só informação”.

PROF. ARIEVALDO ALVES DE LIMA

aprendente (1998), ou como diria Becker com sua proposta de sentido piagetiano da construção do conhecimento. A palavra reconstruir está muito mais adequada aos dias de hoje, tendo em vista que seu significado emerge do que já se conhece, dos patrimônios culturais disponíveis, da linguagem de uso. Dentro desta complexidade não-linear, entende-se a noção inspirada de Paulo Freire quando instigava: “Educar é exercer influência sobre o aluno de tal modo que ele não se deixe influenciar”¹⁸.

Vale lembrar que o início da educação no Brasil se deu com a chegada de seis jesuítas chefiados por Manoel da Nóbrega em 1549, trazendo de Portugal algumas cartas que mencionavam a sua missão de interesse na alma e o resgate desta se estivesse nas “trevas”¹⁹. Muitas críticas são feitas, a ação educadora dos jesuítas – a historiografia moderna aponta que o grande erro foi o fato de tentarem impor sua religião, suas verdades, seu modo de vestir, seus costumes aos índios, acabando com “sua identidade cultural”. Porém, alguns aspectos importantes precisam ser destacados, principalmente no final do século XVI, quando o número de Colégios elevou-se a 372. A experiência pedagógica de Jesuítas sintetizou num conjunto de normas e estratégias chamado “Ratro Studiorum”²⁰.

¹⁸ A aprendizagem implica esta relação dialética, muito ao contrário do que se tem chamado “relação pedagógica”, reduzida à aula. Nesta, prevalece à submissão, por conta do instrucionismo. Na relação autêntica, busca-se a autonomia do aluno, colocando-o no centro do processo de aprendizagem. Não se aprende na condição de objeto.

¹⁹ Eles pertenciam à Companhia de Jesus, fundada em 1534 por Inácio de Loyola com a ajuda de um pequeno grupo de discípulos. Queriam propagar a fé, recuperar um pouco do terreno perdido pela Igreja, em virtude da fundação da Igreja Luterana. As obras dos jesuítas não se limitaram ao Ocidente, também o Oriente os conheceu. Segundo os jesuítas, todos que pertencessem à ordem deveriam seguir e zelar pela ordem de São Tomás Aquino. Se tal não acontecesse ou se ousassem idéias novas, seriam afastados do magistério.

²⁰ Chamado originalmente de plano de estudo da companhia de Jesus, redigido por Inácio de Loyola, mas cuja elaboração data de 1599, após mais de meio século de experiência no campo educacional.

PROF. ARIEVALDO ALVES DE LIMA

Mesmo com todas essas controvérsias históricas, o nosso país tem gerado muitas riquezas culturais, mas ainda é pouco em vista de nossa tradição de subdesenvolvido culturalmente aos olhos das nações do Primeiro Mundo. Cabe a nós, educadores, o papel de mudar este comportamento passivo e pouco empreendedor em prol de uma avaliação diagnóstica com base no acompanhamento do discente desde os seus primeiros passos na área do saber e na reconstrução do conhecimento. Decerto, este não é um caminho miraculoso nem tampouco o melhor método para acabar com a cola, tendo em vista minha crença de que o contraveneno da pesca vem das próprias entranhas dos discentes ou da contradição dos apelos e postura de nossa sociedade num processo chamado do efeito manada²¹.

²¹ Linguagem popular utilizada para o procedimento humano que condiz em fazer o que toda maioria faz sem a noção exata de avaliar o certo ou o errado daquela conduta.

CONCLUSÃO

A cola é parte integrante da identidade escolar do indivíduo, uma sombra sem a qual o corpo não faz sentido. Pode se esconder à luz do dia e da razão, olhando apenas de esgueirado para saber se não está sendo olhada, mas se espalha como praga, ou como moda, nos momentos menos iluminados e mais interessados²².

O papel do docente na atual conjuntura globalizada é preponderantemente intermediar e acompanhar o aluno na evolução do conhecimento sobre a área proposta. É notório que o conhecimento esteja no alto desta pirâmide, passando pela compreensão, aplicação, análise, síntese e avaliação (taxionomia de Bloom). As competências, numa visão mais ampla, mobilizam o professor na sua base de formação acadêmica específica, ou seja, a escolha de determinada disciplina e seus conteúdos que serão ministrados, objetivando trabalhar a partir dos erros e obstáculos, construindo e planejando dispositivos e seqüências didáticas que possam envolver os discentes em atividades de pesquisas e em projetos de conhecimento.

Outros aspectos relevantes neste estudo são os investimentos no desenvolvimento profissional, superando a visão dicotômica de formação inicial e de formação continuada, investir em sólida formação teórica nos campos que constituem os saberes da docência;

²² O fato nos remete a problema aparentemente menor na escola, ou seja, ao hábito, por parte dos alunos, de furto de idéias e respostas alheias, nas situações de avaliação. Ao estudá-lo (Foucault, 1992), estabelece a mesma relação direta da prisão com a escola.

PROF. ARIEVALDO ALVES DE LIMA

considerar a formação voltada para o profissionalismo docente para construção da identidade do professor; valorizar a docência como atividade intelectual, crítica e reflexiva.

A partir desses pressupostos, avaliar e perceber seus aspectos práticos será o paradigma para o êxito no passar o conhecimento. São pré-requisitos: objetivos claros do ensino, planejamento da disciplina, explicitação da forma clara para os alunos, fundamentação de critérios bem definidos, permitindo o julgamento objetivo do aluno e propiciando uma análise dos desempenhos. Hoje, devemos estar muito além desses preceitos ou numa sintonia fina sobre essas necessidades, procurando favorecer a transferência dos saberes, sem passar necessariamente por sua exposição metódica (Perrenoud, 2003)²³.

Alerto, também, para a formação crítica dos alunos. Existe uma série de fatores que vai formar uma atmosfera sociomoral na sala de aula, ou seja, a forma como as regras são colocadas; a maneira como o conteúdo é passado, se permite compreensão e elaboração do problema por parte dos alunos ou se é dado pronto como verdade única; as maneiras como o professor lida com os conflitos; a questão da indisciplina, como é tratada pelo educador e qual a relação que ele estabelece com os alunos, se é de respeito mútuo ou se ele se coloca como uma autoridade inquestionável²⁴.

Deixo aqui uma mensagem que tenho certeza já foi lida e relida por muitos colegas, mas ainda não foi suficientemente subliminar²⁵ na mente de muitos educadores - Não

²³ Trechos de resenhas desenvolvidas no curso de Pós-Graduação em Qualificação para o Magistério Superior, sob orientação da professora CASTILHOS, Maria Terezinha de Jesus.

²⁴ O autor sugere a leitura de seu artigo "Polemologia da Negociação" nas atividades acadêmicas de sua home-page: <http://www.grupoempresarial.adm.br/asp/artigos.asp?cat=artigo>.

²⁵ São percepções enviadas ou veiculadas nas áreas de nossa visão periférica realizada por células do tipo bastonete, geralmente são imagens que são captadas em nível subliminar, em nível subvisual e involuntário, mas vão influenciar as nossas escolhas, atitudes, e motivar a tomada de decisões posteriores.

PROF. ARIEVALDO ALVES DE LIMA

existe um processo único de ensino-aprendizagem, como muitas vezes pensamos, mas dois processos distintos: o de aprendizagem, desenvolvido pelo aluno; e o de ensino, pelo professor. São dois processos que se comunicam, mas não se confundem (Weisz, 2002).

Lembro-me, como se fosse hoje, de um conselho de um experiente educador:

“Com o advento da literatura sobre a emoção e inteligências múltiplas, muitos educadores, entendendo as coisas pela metade, internalizaram a expectativa de que o aluno somente aprende se tiver prazer. É fútil fazer coincidir emoção com prazer, ainda que este lhe seja parte integrante. Deixa-se de tudo que, na vida, aprende-se principalmente do sofrimento. Precisamos aprender também o que muitas vezes não nos dá prazer, pelo menos prazer imediato. Aprender implica esforço, dispêndio de energia, dedicação sistemática, atividade produtiva (Demo, 2004).”

Finalmente, não posso deixar de agradecer os conselhos daqueles colegas e acima de tudo amigos fiéis e mais experientes na docência, cujos ensinamentos éticos e exemplos como educador cioso, acima de tudo, foram os estigmas de minha inspiração na melhoria contínua de minha qualificação e entusiasmo no educar esta juventude que irá conduzir esta nação.



PROF. ARIEVALDO ALVES DE LIMA

Referências

BERNARDO, Gustavo. **Educação pelo argumento**. Rio de Janeiro: Editora Rocco.

BOEHM, C. **Hierarchy in the Forest – The evolution of egalitarian behavior**. Massachusetts: Harvard University Press, 1999.

BOVA, B. **Immortality – How science is extending your life span, and changing the world**. New York: Avon Books, 1998.

CARVALHO, José Sergio de. **Construtivismo, uma pedagogia esquecida da escola**. Porto Alegre: Editora Arquimedes.

CASTILHOS, Maria Terezinha de Jesus. **Avaliação escolar: contribuições do Direito Educacional**. Rio de Janeiro: Editora WAK.

COLLINS, R. **The Sociology of Philosophies – A global theory of intellectual change**. Cambridge/Massachusetts: The Belknap Press of Harvard University Press, 1998.

DEMO, Pedro. **Ser professor é cuidar que o aluno aprenda**. Porto Alegre: Editora Mediação.

_____. **Professor do futuro e reconstrução do conhecimento**. Rio de Janeiro: Editora Vozes.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança – Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

_____. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

HOFFMANN, Jussara e outros. **Práticas avaliativas e aprendizagens significativas em diferentes currículos**. Porto Alegre: Editora Mediação.



PROF. ARIEVALDO ALVES DE LIMA

LIMA, Arievaldo Alves de. **O professor proativo**. Home-page da Universidade Estácio de Sá, acesso em jul de 2004.

http://www2.estacio.br/graduacao/administracao/resenhas/arievaldo_proativo.asp

_____. **Avaliar para ensinar melhor**. Home-page da Universidade Estácio de Sá, acesso em jul de 2004.

<http://www.estacio.br/graduacao/administracao/artigos/avaliar.pdf>

_____. **Os métodos de ensino**. Home-page da Universidade Estácio de Sá, acesso em jul de 2004.

http://www.estacio.br/graduacao/cienciascontabeis/artigos/metodos_ensino.asp

_____. **Polemologia da Negociação**. Home do autor. Acesso em jul de 2004.

<http://www.grupoempresarial.adm.br/adm/asp>

OLIVEIRA, Ana Maria Mônica Machado de. **Ensinar e aprender: textos pedagógicos para professores de classes multisseriadas**. Rio de Janeiro: Editora Rio.

PERRENOUD, P. **Práticas pedagógicas, profissões docentes e formação – perspectivas sociológicas**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993.

SETZER, V. W. **Meios eletrônicos e educação: uma visão alternativa**. São Paulo: Escrituras, 2001.

VIANNA, Heraldo Marelím. **Avaliação educacional e seus instrumentos: novos paradigmas**. In: SOUSA, Eda C. B. Machado (Org.) **Técnicas e instrumentos de avaliação**. vol. 2, Brasília, p.39-57.

WEISS, A. M. L. & CRUZ, M. L. R. **Informática e os problemas escolares de aprendizagem**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.